

ESTUDO SOBRE HUMANIDADES DIGITAIS E OS DESAFIOS ASSOCIADOS AO RESPEITO À DIVERSIDADE E À PLURALIDADE DE IDEIAS

Study on digital humanities and the challenges associated with respecting diversity and plurality of ideas

Estudio sobre humanidades digitales y los desafíos asociados al respeto a la diversidad y la pluralidad de ideas

Audrei Rodrigo da Conceição Pizolati¹

Resumo: O amplo uso das plataformas digitais tem apresentado desafios significativos para a democracia, especialmente durante as eleições presidenciais no Brasil. A formação de bolhas digitais e o aumento do extremismo de opiniões representam ameaças à coesão social, à tomada de decisões informadas e à construção identitária contrárias à diversidade sociocultural e à pluralidade de ideias. Assim, a análise se concentrou na formação de identidade, produção e disseminação de informações, destacando seus impactos na identidade social e pluralidade cultural. Para tanto, por meio de uma revisão bibliográfica e análise de conteúdo, observa-se que o papel dessas bolhas na formação de opiniões extremistas e a avaliação da inserção do bolsonarismo e do petismo nesse contexto representam apenas uma parte da polarização ideológica, racial e classista que o país enfrenta. Para mitigar esses desafios, é crucial promover uma educação crítica e reflexiva sobre a função e o uso das mídias sociais, tanto na escola quanto no cotidiano dos jovens e da sociedade como um todo.

Palavras-chave: Humanidade digital. Informação. Produção da “verdade”.

Abstract: The widespread use of digital platforms has presented significant challenges to democracy, especially during the presidential elections in Brazil. The formation of digital bubbles and the increase in extremism of opinions represent threats to social cohesion, informed decision-making and identity construction contrary to sociocultural diversity and the plurality of ideas. Thus, the analysis focused on identity formation, production and dissemination of information, highlighting their impacts on social identity and cultural plurality. To this end, through a bibliographical review and content analysis, it is observed that the role of these bubbles in the formation of extremist opinions and the assessment of the insertion of Bolsonarism and PTism in this context represent only a part of the ideological, racial and class polarization that the country faces. To mitigate these challenges, it is crucial

¹ Doutor em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: audreipizolati@gmail.com; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0915310669117432>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0656-0995>.

to promote critical and reflective education about the function and use of social media, both at school and in the daily lives of young people and society as a whole.

Keywords: Digital humanity. Information. Production of “truth”.

Resumen: El uso generalizado de plataformas digitales ha presentado importantes desafíos a la democracia, especialmente durante las elecciones presidenciales en Brasil. La formación de burbujas digitales y el aumento del extremismo de opiniones representan amenazas a la cohesión social, la toma de decisiones informadas y la construcción de identidades contrarias a la diversidad sociocultural y la pluralidad de ideas. Así, el análisis se centró en la formación de identidad, producción y difusión de información, destacando sus impactos en la identidad social y la pluralidad cultural. Para ello, a través de una revisión bibliográfica y un análisis de contenido, se observa que el papel de estas burbujas en la formación de opiniones extremistas y la valoración de la inserción del bolsonarismo y del PTismo en ese contexto representan sólo una parte de la dimensión ideológica, racial y polarización de clases que enfrenta el país. Para mitigar estos desafíos, es crucial promover una educación crítica y reflexiva sobre la función y el uso de las redes sociales, tanto en la escuela como en la vida cotidiana de los jóvenes y la sociedad en su conjunto.

Palabras clave: Humanidad digital. Información. Producción de “verdad”.

Introdução

A responsabilidade das plataformas digitais e a atuação ética dos líderes políticos são cruciais para enfrentar os impactos negativos das bolhas digitais e do extremismo em pleitos eleitorais, contribuindo para uma democracia mais resiliente e participativa. Nesse contexto, diante dos desafios implicados perpassam necessariamente pela formação do sujeito por meio de instituições educacionais formais e informais, torna-se imperativo fortalecer a educação cívica e comunitária fundamentadas no respeito a pluralidade de ideias em que implementar medidas regulatórias eficazes e fomentar uma cultura política mais inclusiva são fundamentais para a garantia de direitos constitucionais.

As fake news, por exemplo, frequentemente são fragmentos de documentos ou informações curtas disponibilizadas em apps de mensagem instantânea, redes sociais, micro blogs, entre outros, nos quais qualquer pessoa, a princípio, pode publicar. O panorama em geral, por um lado democratiza a produção e o acesso à informação; mas por outro, cria/fomenta um ambiente em que são necessários cuidados extras de quem consome e dissemina informação (ANÇANELLO; CASARIN; FURNIVA, 2023, p. 4).

As plataformas digitais quando aliada à conduta ética dos líderes políticos, desempenham um papel fundamental na abordagem dos impactos adversos das bolhas digitais e do extremismo que foram perceptíveis nas eleições presidenciais de 2018 e 2022.

Ao analisarmos a agenda de pesquisas desenvolvidas no âmbito da Ciência da Informação em face do caráter notadamente transdisciplinar das humanidades digitais constata-se uma sinergia de propósitos e um território comum de atuação. Preocupações com as transformações dos saberes e competências, com as dimensões organizacionais dos projetos (atores, profissões e discurso) e com o caráter transdisciplinar da área estão frequentemente em evidência (MOURA, 2019, p. 19).

Nesse cenário difuso, tem-se por objetivo investigar como medidas coletivas sobre conscientização, verdade e *fake News* são essenciais para promover uma democracia mais resiliente, participativa e adaptada aos desafios da era da humanidade digital e seus impactados na formação na conduta dos indivíduos em relações interpessoais, o que concerne ao posicionamento político, ideológico e identitário e ao respeito à diversidade e ao pluralismo de ideias.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem multidisciplinar, integrando análise de conteúdo em plataformas digitais, revisão bibliográfica e com base na polarização política atual. A metodologia fundamentada em uma revisão bibliográfica e na análise de conteúdo busca esclarecer a influência das bolhas digitais explicitadas nas eleições de 2018 e seus impactos no cotidiano dos indivíduos que polarizam ideias em prol de opiniões por vezes preconceituosas e não fundamentadas. Para Crochík (1996, p. 48),

um dos elementos do preconceito seria dado pela atribuição de características e comportamentos julgados inerentes aos objetos, quando não o são, o que o configuraria por urna percepção e por um entendimento distorcidos da realidade. Outro elemento do preconceito é a generalização das características suposta de um determinado grupo para todos os indivíduos que pertencem a ele. A experiência individual, o contato com o particular, são obstados pelo preconceito. As relações pessoais dos preconceituosos se dão através de categorias que permitem classificar os indivíduos, o que impede que a experiência individual possa se contrapor ao estereótipo.

Para tanto, são propostas medidas de mitigação baseadas em melhores práticas educativas. A análise busca compreender como as bolhas digitais são intensificadas pelo no presente e contribuem para a polarização fundamentada no viés política, porém não se restringe apenas a esse campo. Desse modo, tende a prejudicar o diálogo democrático e o respeito a pluralidade de ideias e culturas. O extremismo de opiniões nas plataformas digitais surge como um desafio central, impactando a formação de consensos e a qualidade do

processo eleitoral e na formulação de opiniões adversas que refletem em preconceitos e no ataque a garantia de direitos de pessoas vinculadas a distintos grupos ideológicos, políticos, étnicos e ou socioculturais.

Assim, a formação de nichos que forjam essas bolhas sociais que segregam indivíduos e aglutinam outros em prol de determinada ideologia ou posição social está fundamentada na

relação com a realidade social: (1) ela representa a realidade social ao se referir ao mundo exterior (por exemplo, um mundo de jardins e residências); (2) ela expressa a realidade social ao indexar identidades sociais e culturais (por exemplo, a estratificação social dos papéis e das funções que as pessoas exercem); (3) ela é uma metáfora para a realidade, pois representa – ou é um ícone de – um mundo de crenças e práticas que chamamos de ‘cultura’ (por exemplo, no caso em questão, os hábitos relacionados a trabalho e lazer, jardinagem e culinária) (KRAMSCH, 2017, p. 140).

Diante dos desafios identificados, destaca-se a necessidade de fortalecer a educação ética, implementar medidas regulatórias e promover uma cultura política mais inclusiva no intuito de evitar um cenário em que se forma “uma perigosa armadilha da qual poucos sabem escapar” (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 204).

Humanidade digital e a constituição do eu enquanto grupo identitário

No contexto atual, a influência das plataformas de mídia digital ultrapassa os tradicionais limites da comunicação, exercendo um impacto profundo e abrangente no cenário social e cultural. O advento da era digital redefiniu as dinâmicas de interação, disseminação de informações e construção de narrativas, resultando em uma transformação significativa na maneira como a sociedade se organiza e se expressa. Este fenômeno não se limita apenas à esfera comunicativa, mas permeia os fundamentos culturais, moldando valores, comportamentos e identidades. “Em nível pessoal, a identidade, ou o conceito de si mesmo, orienta a ação individual. No plano social, as identidades das pessoas configuram-se como a percepção de si mesmas dentro de um ou vários grupos, e, nesse sentido, direcionam os movimentos, refletindo a ação grupal” (MACHADO, 2003, p. 52).

Nessa perspectiva, torna-se imperativo explorar as implicações sociais e culturais das plataformas de mídia digital, compreendendo o papel delas como agentes ativos na construção do tecido social contemporâneo.

A grande problemática vai além da quantidade de informações disponíveis. Um aspecto a ser considerado é que muitas informações estão acessíveis sem a intermediação de instituições na sua produção, como editoras, por exemplo, e de entidades provedoras de informação como as bibliotecas, que selecionam e disseminam os documentos que considera ser de qualidade e adequados a seus usuários, que é decorrente do fenômeno da desintermediação. As *fake news*, por exemplo, frequentemente são fragmentos de documentos ou informações curtas disponibilizadas em apps de mensagem instantânea, redes sociais, micro blogs, entre outros, nos quais qualquer pessoa, a princípio, pode publicar. O panorama em geral, por um lado democratiza a produção e o acesso à informação; mas por outro, cria/fomenta um ambiente em que são necessários cuidados extras de quem consome e dissemina informação (ANÇANELLO; CASARIN; FURNIVA, 2023, p. 4).

A crescente onipresença das plataformas de mídia digital tem estabelecido novos paradigmas de interação e participação na sociedade. A velocidade com que as informações são disseminadas, as narrativas são construídas e as conexões são estabelecidas redefine não apenas a comunicação, mas também os modos pelos quais as comunidades se formam e se identificam. No contexto social, as plataformas digitais proporcionam um espaço onde vozes anteriormente marginalizadas podem encontrar expressão e reconhecimento, desafiando estruturas tradicionais de poder e promovendo a diversidade de perspectivas. Entretanto, simultaneamente, surgem preocupações sobre a propagação de desinformação, o aumento das chamadas “bolhas sociais”² e as possíveis ramificações para a segregação social.

Culturalmente, as plataformas digitais moldam gostos, tendências e valores, influenciando a construção de identidades individuais e coletivas – humanidades digitais.

As humanidades digitais constituem um território científico relativamente novo, decorrentes da interseção entre as Humanidades, as Ciências Sociais e as tecnologias digitais. Essa composição parece desafiar o modo contemporâneo de produzir ciência na medida em que a seara de produção, armazenamento e circulação do conhecimento está sobreposta em um mesmo ambiente digital (MOURA, 2019, p. 60).

Nesse sentido, a cultura digital fomentada por essas plataformas permite que usuários se tornem produtores ativos de conteúdo, desafiando as estruturas tradicionais de consumo cultural. A digitalização da cultura também suscita debates sobre a preservação de tradições, a autenticidade cultural e a comercialização excessiva decorrentes da cultura digital.

² Recomenda-se a leitura do artigo “Pizolati, ARDC. Digital Media, Social Bubbles, Extremism and Challenges Implicated in the construction of identity and respect for diversity and cultural pluralism. **Philosophy International Journal**, Troy (Michigan), v. 7, n. 1, p. 1-9, Jan./Feb. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.23880/phij-16000317>.” O artigo apresenta resultados parciais em inglês desta pesquisa, visando ampliar o debate sobre o tema específico.

Um termo novo, atual, emergente e temporal. A expressão integra perspectivas diversas vinculadas às inovações e aos avanços nos conhecimentos, e à incorporação deles, proporcionados pelo uso das tecnologias digitais e as conexões em rede para a realização de novos tipos de interação, comunicação, compartilhamento e ação na sociedade (KENSKI, 2018, p. 139).

Neste cenário, a compreensão do impacto social e cultural das plataformas de mídia digital torna-se essencial para desvendar as complexas dinâmicas que permeiam a sociedade contemporânea. Explorar como essas plataformas influenciam a forma como nos comunicamos, nos relacionamos e construímos significados é crucial para uma apreciação abrangente do papel transformador que desempenham na trama do tecido social e cultural. Para abordar de maneira rigorosa o impacto social e cultural das plataformas de mídia digital, será adotada uma abordagem que integra uma revisão bibliográfica sobre a temática elegida.

A evolução da comunicação digital é um fenômeno em constante mutação, moldado pela rápida progressão tecnológica. Para compreender sua trajetória, é necessário revisitar suas origens e marcos importantes. Nas fases iniciais, testemunhamos os primórdios da internet e os primeiros sistemas de mensagens eletrônicas, estabelecendo as bases para o desenvolvimento futuro. A ascensão das redes sociais e plataformas interativas, como *Friendster*, *MySpace*, *Facebook* e *Twitter*, desempenhou um papel crucial na redefinição da conectividade online. Essas plataformas permitiram interações dinâmicas e comunicação instantânea, transformando a maneira como as pessoas se conectam e compartilham informações.

As mudanças teóricas derivadas da compreensão ampla dos avanços digitais, a epistemologia dos dados proporcionada pela internet das Coisas (IoT), a análise social da estruturação de algoritmos e a gestão de Big data, a análise da economia discursiva na Internet, o aperfeiçoamento metodológico e a apreensão das dimensões sociais dos fenômenos em meio à superabundância de dados, interações sociais e o monitoramento tecnológico em tempo real reconfiguraram a área da Ciência da Informação na contemporaneidade (MOURA, 2019, p. 67).

Nesse prisma, a escola e demais ambientes educacionais não formais precisam ir além de incluir digitalmente o estudante no mundo digital, faz-se necessário e urgente uma educação que opere sobre os paradigmas que fundamentam determinadas produções de informações, que não são possivelmente saberes ou verdades, apenas resultados de algoritmos pré-configurados por áreas de interesses. Desse modo, intui-se prender a atenção do interlocutor e se propaga a manutenção de bolhas digitais e engessa o diálogo com outras

perspectivas que não convergem com prismas inerentes a determinados grupos. Algo contraproducente ao diálogo entre indivíduos e suas posições ideológicas, políticas, religiosos, sociais e economicistas.

Sob esse cenário, a educação tem por objetivo garantir o direito a diversidade e a pluralidade de ideias no processo de formação ética, estética e política do indivíduo em fase escolar.

Nós docentes, devemos nos dar conta de que não é aconselhável apenas fornecer informação aos alunos, temos que ensiná-los como utilizar de forma eficaz essa informação que rodeia e enche suas vidas, como acessá-la e avaliá-la criticamente, analisá-la, organizá-la, recriá-la e compartilhá-la (PERÉZ GOMÉZ, 2015, p. 29).

Essa evolução continua a ser impulsionada por inovações constantes, como a disseminação de aplicativos de mensagens, vídeos ao vivo e outras formas de interação digital, destacando a natureza dinâmica e sempre em evolução da Comunicação Digital. As mudanças tecnológicas significativas também têm moldado essa evolução. A transição para dispositivos móveis, o advento da banda larga, o surgimento de protocolos de comunicação avançados e a integração de elementos multimídia nas plataformas foram marcos fundamentais. Essas inovações alteraram não apenas a forma como nos comunicamos, mas também a rapidez com que as informações são disseminadas. O impacto na sociedade é multifacetado.

A comunicação digital acelerou a disseminação de informações, proporcionou a formação de comunidades online, mas também apresentou desafios, como questões de privacidade e segurança online. Compreender esses impactos é crucial para uma análise abrangente do papel das plataformas digitais na sociedade contemporânea. Ao observar o futuro, discute-se perspectivas emergentes, como realidade virtual, inteligência artificial e outras tecnologias. Antecipar essas inovações é essencial para compreender como elas moldarão ainda mais as interações sociais e a comunicação digital.

Nesse contexto dinâmico, a contextualização histórica se revela fundamental para compreendermos não apenas o presente, mas também as possíveis direções futuras da comunicação digital e seu impacto na sociedade, pois “as transformações sociais provocadas pela tecnologia em todas as esferas de relações (familiar, profissional e escolar) ensejam o desenvolvimento da sociedade conectada” (BEHAR *et al.*, 2013, p. 38).

A participação social e a diversidade de vozes nas plataformas digitais criam um espaço para vozes diversas e previamente marginalizadas e a promoção da diversidade de vozes nas plataformas digitais são partes essenciais da comunicação contemporânea. Denota-se que essa inclusão social e digital não ocorre sem enfrentar desafios significativos. A disseminação de discursos de ódio, discriminação e o perigo de perpetuar estereótipos são questões críticas que acompanham esse avanço. Ao mesmo tempo, esses desafios destacam áreas que necessitam de atenção, como a implementação de políticas de moderação mais eficazes e o desenvolvimento de ferramentas que promovam ambientes online seguros e inclusivos.

A participação social nas plataformas digitais, a multiplicidade de vozes representa uma riqueza inigualável, contribuindo para uma esfera pública online mais robusta e representativa. Observa-se na atualidade iniciativas que trouxeram visibilidade a experiências e perspectivas anteriormente ignoradas. Seja por meio de campanhas de conscientização, *hashtags* virais ou movimentos de empoderamento, as plataformas digitais se tornaram catalisadoras para narrativas que desafiam estigmas e promovem uma compreensão mais abrangente da diversidade humana. Nesse sentido:

Assumir-se habitante de ambientes virtuais é um dos maiores desafios para professores e alunos vivenciarem processos de aprendizagem cooperativa. Aliada a esse desafio está a necessidade de o professor conhecer e dispor-se a aprender ao longo de sua profissão as características específicas do ensino e da aprendizagem na educação a distância (SCHERER; BRITO, 2014, p. 75).

A promoção da diversidade de vozes, no entanto, enfrenta desafios significativos, como a presença de discursos de ódio, *trolls* virtuais, *cyber bullying* e a disseminação de informações prejudiciais representam ameaças que comprometem os esforços de inclusão. À vista disso, é evidente a necessidade de políticas de moderação mais eficazes e ferramentas que promovam ambientes online seguros. Questões éticas, como a responsabilidade das plataformas na moderação do conteúdo e o equilíbrio entre liberdade de expressão e prevenção de abusos, demandam uma abordagem reflexiva e orientada para soluções a serem trabalhadas no âmbito e a partir da escola.

Os desafios e oportunidades culturais moldados pelas plataformas digitais abrangem tanto aspectos positivos, como a criação cultural colaborativa, quanto desafios, como a propagação de estereótipos e a homogeneização cultural. A influência dessas plataformas nas dinâmicas culturais é complexa, apresentando oportunidades e desafios intrínsecos. Essas

plataformas proporcionam um ambiente propício para a criação e fortalecimento de uma pluralidade cultural colaborativa, permitindo que artistas, sujeitos e comunidades colaborem de maneiras inovadoras, transcendendo fronteiras geográficas e agregando saberes.

A música, arte visual, literatura e outras formas de expressão cultural prosperam nesses espaços digitais, possibilitando o surgimento de movimentos culturais globais. Essa liberdade criativa que rompe fronteiras no campo da educação não está isenta de preocupações. A rápida disseminação de conteúdos nas plataformas digitais pode perpetuar estereótipos, reforçando visões distorcidas e simplificadas das culturas. Essa propagação amplificada levanta a preocupação de que as plataformas digitais possam contribuir para uma compreensão limitada e distorcida da diversidade cultural.

As Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC – e os usos e práticas sociais que emergem da interação homem máquina sempre provocaram transformações fundamentais na existência e formas de socialização humana. Mudanças que interessam diretamente aos estudos sobre os processos de aprendizagem no contexto escolar, uma vez que a facilidade do acesso à informação e as possibilidades de novas formas de interação e comunicação por meio dessas tecnologias fazem surgir novas maneiras de aprender em contextos variados (KENSKI, 2003). (COSTA; DUQUEVIZ; PEDROZA, 2014, p. 604).

Somado a isso, enfrenta-se o desafio da homogeneização cultural nas plataformas digitais, onde estilos (políticos, ideológicos, religiosos etc.) específicos predominam, formando uma espécie de nicho, em que se configura padronização cultural por meio da disseminação de determinados conteúdos digitais. Isso pode comprometer a autenticidade e a riqueza das diversas expressões culturais, diluindo elementos únicos em busca de aceitação mais ampla. Apesar dos desafios, as plataformas digitais também oferecem oportunidades valiosas para o diálogo intercultural.

A interação direta entre pessoas de diferentes contextos promove a compreensão mútua, desafiando estereótipos e construindo pontes entre culturas. Essa conexão direta pode ser uma ferramenta poderosa para combater preconceitos e promover a apreciação da diversidade e não a constituição de estereótipos, que visam categorizar e classificar valores morais em sociedade.

Outro elemento do preconceito é a generalização das características suposta de um determinado grupo para todos os indivíduos que pertencem a ele. A experiência individual, o contato com o particular, são obstados pelo preconceito. As relações pessoais dos preconceituosos se dão através de categorias que permitem classificar os indivíduos, o que impede que a experiência individual possa se contrapor ao estereótipo (CROCHÍK, 1996, p. 60).

Assim, denota-se que o caminho da digitalização do eu e sua formação de senso de identidade está arraigada na diferença, ou seja, no combate a diversidade. Sendo assim, ratifica-se a importância de uma educação crítica e reflexiva acerca do uso e da experiência em ambientes virtuais, uma vez que as relações sociais expressas no mundo digital que tendem a se consolidar, uma vez que

as novas tecnologias estão se tornando mais acessíveis à população de um modo geral, principalmente por meio dos aparelhos celulares. Craide (2014) contabiliza mais de 272 milhões de linhas de celulares ativos no Brasil para uma população de aproximadamente 194 milhões de pessoas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010) – há praticamente 1,4 celular por cada habitante. Mesmo que nem todos os brasileiros tenham seu aparelho celular conectado à internet, podemos afirmar que as tecnologias digitais estão presentes na sociedade e isso tem causado mudanças em vários aspectos das relações humanas como o acesso à informação, interação e comunicação (COLL, & MONEREO, 2010; GADOTTI, 2000; KENSKI, 2003) (COSTA; DUQUEVIZ; PEDROZA, 2014, p. 605).

Nesse cenário complexo, as plataformas digitais não apenas refletem, mas também influenciam ativamente a diversidade cultural. A democratização do acesso à criação e compartilhamento de conteúdo cultural destaca-se como uma característica marcante desse ambiente digital. Artistas emergentes agora podem alcançar audiências globais, superando barreiras geográficas que antes limitavam sua visibilidade.

A ampla exposição digital também traz desafios, com a rápida disseminação de estereótipos sendo uma preocupação central. A ampla disseminação (viral) de narrativas específicas oriundas do mundo virtual pode resultar na propagação de representações simplificadas e, por vezes, deturpadas de grupos culturais e sociais. A necessidade de uma abordagem crítica e responsável para mitigar esses riscos é evidente, visando preservar a autenticidade das expressões culturais.

A homogeneização cultural, por sua vez, representa um desafio significativo. A predominância de determinados conteúdos pode diluir as características distintivas de diferentes culturas em busca de uma aceitação mais ampla. O delicado equilíbrio entre a popularidade global e a preservação das especificidades culturais emerge como uma consideração essencial na era digital. Apesar de terem ganhado notoriedade no contexto político, essa não é a única área sobre a qual são produzidas informações falsas. No campo da ciência e da tecnologia (C&T), seus efeitos também são discutidos. Em um editorial para a revista *American Scientist*, Vernon (2017) associa desafios enfrentados pelos cientistas, como marginalização e perda de autonomia, ao que ele chama de ‘entrada na era da pós-verdade’, momento em que fatos se tornam subjetivos e qualquer informação que conflita com a opinião pessoal de alguém é justificadamente questionável (FAGUNDES *et al.* 2021, p. 7).

Apesar dos desafios, as plataformas digitais proporcionam oportunidades únicas para o diálogo intercultural. A interação direta entre pessoas de diferentes origens promove a compreensão mútua, desafia estereótipos arraigados e constrói pontes que transcendem fronteiras. A empatia cultivada por meio dessas conexões pode ser uma força poderosa na promoção de uma apreciação mais profunda e respeitosa da diversidade cultural.

A avaliação crítica das dinâmicas culturais nas plataformas digitais é essencial para aproveitar ao máximo as oportunidades enquanto se enfrenta os desafios. Preservar a riqueza da expressão cultural em um mundo cada vez mais interconectado demanda uma abordagem consciente, que valorize tanto a inovação quanto a autenticidade. O impacto dessas plataformas na cultura contemporânea é um fenômeno em constante evolução, exigindo uma análise contínua e adaptativa para garantir que contribuam positivamente para o panorama cultural global.

Relações entre o digital e o pluralismo de ideias e diversidade

O impacto na identidade e formação de comunidades online através das plataformas digitais é um fenômeno central na era da conectividade digital. Nesse contexto, é crucial explorar como essas plataformas não apenas moldam as identidades individuais, mas também facilitam a criação e manutenção de comunidades virtuais. As plataformas digitais desempenham um papel significativo na construção de identidades individuais, proporcionando um espaço vasto e diversificado para a expressão pessoal. Através de perfis, posts e compartilhamentos, os usuários têm a oportunidade de apresentar diferentes aspectos de sua identidade, construindo narrativas que frequentemente transcendem as fronteiras físicas.

A identidade constitui uma tentativa de explicação do conceito de si, sendo fruto de uma construção psicológica. É processo em construção, definido pela intermediação constante das identidades assumidas e das identidades visadas (Dubar, 1996). Essa distância existente entre tais tipos de identidades é exatamente o espaço de conformação do eu, ou seja, da construção da identidade. É sob esse espaço que vão se processar as interações sociais e ocorrerá a participação dos outros na construção da própria identidade (MACHADO, 2003, p. 55).

A busca por validação e reconhecimento online pode influenciar a autoimagem e, por vezes, redefinir a própria identidade em um ambiente digital dinâmico e a noção de pertencimento à determinado grupo ou nicho socioidentitário. Ao mesmo tempo, a formação de comunidades online é uma característica distintiva das plataformas digitais. Grupos que compartilham interesses, valores ou experiências semelhantes encontram nesses espaços uma arena para se conectar, colaborar e fortalecer laços virtuais. Essas comunidades online muitas vezes ultrapassam as barreiras geográficas, proporcionando um senso de pertencimento a indivíduos que podem estar fisicamente distantes, mas compartilham uma conexão digital profunda.

Ainda que, muitas vezes, os jovens mencionem tal característica associada ao compartilhamento de informações falsas ao se referirem a terceiros, eles próprios, em seus depoimentos, demonstram tendência a desconfiar de informações que se oponham às suas crenças e convicções. Isso fica mais evidente quando o tema é política: aqueles que demonstram concordância com grupos políticos de esquerda tendem a utilizar pessoas e veículos associados à direita como exemplos negativos para processos de desinformação (FAGUNDES *et al.*, 2021, p. 13).

Esse fenômeno não está isento de desafios, pois a construção de identidades online pode levar à curadoria de uma versão idealizada da vida, com base em informações digitais na validação de suas próprias crenças, gerando assim um fosso entre a realidade e a representação digital. Isso pode contribuir para sentimentos de inadequação e ansiedade entre os usuários, destacando a importância de uma compreensão crítica das interações online. Além disso, a formação de comunidades online pode se deparar com questões como a criação de bolhas sociais, onde a interação é predominantemente entre pessoas com visões e experiências semelhantes, limitando a diversidade de perspectivas. A polarização de opiniões e o potencial para a propagação de informações falsas também são desafios a serem enfrentados nesse ambiente digital. Nesse sentido, Fucks e Marques (2022, p. 565), ressaltam “sobre [como] polarização afetiva têm como base pesquisas sobre a formação de grupos, segundo os quais a filiação a um grupo gera uma série de atitudes positivas em relação ao

próprio grupo (ingroup) e atitudes de competição e depreciação em relação ao grupo rival (outgroup) (MASON, 2018)”, disseminado em ambientes virtuais.

O impacto das plataformas digitais na identidade e formação de comunidades online e suas posições em sociedade é um fenômeno complexo e multifacetado. Enquanto essas plataformas oferecem oportunidades únicas para a expressão individual e conexão com comunidades virtuais, é essencial abordar os desafios associados a essa dinâmica. Uma abordagem consciente, que promova uma construção de identidade saudável e a formação de comunidades diversificadas e inclusivas, é crucial para maximizar os benefícios desse ambiente digital em constante evolução. Na era digital, as plataformas online tornaram-se artefatos preponderantes na construção das identidades individuais e coletivas.

A busca por validação e pertencimento nesse espaço virtual pode moldar a percepção de si mesmo, desafiando e, por vezes, redefinindo a própria identidade em resposta às interações digitais. A distinção entre a vida real e a persona online é um fenômeno intrigante, com os usuários muitas vezes curando meticulosamente suas representações digitais para se alinhar a ideais e padrões estabelecidos pelas próprias plataformas.

Há, ainda, um modo menos evidente, porém possivelmente mais profundo, com que identidades conservadoras e subjetividades neoliberais têm co-emergido na nova direita brasileira – que inclui o bolsonarismo, mas não se resume a ele. Desenvolvi em outro lugar um argumento de que a separação “conservador nos costumes, liberal na economia” subjacente ao enquadre analítico das “guerras culturais” é enganadora (CESARINO, 2019). A configuração emergente da nova direita seria propriamente bivalente, efeito de uma nova torção dialética a partir do “neoliberalismo progressista” (FRASER, 1997) que perdurou nos anos 1990 e 2000 (BROWN, 2019). Na construção da identidade popular pelo bolsonarismo em 2018, essa gramática bivalente neoliberal-conservadora se expressou, por exemplo, na desqualificação moral da luta por direitos e proteções pelo Estado como privilégios indevidos por parte de “vagabundos” e “parasitas” (CESARINO, 2021, p. 84).

Nesse cenário, ao mesmo tempo, a formação de comunidades online propicia um terreno fértil para a interação entre indivíduos de diferentes partes do mundo. A conexão virtual baseada em interesses comuns, valores compartilhados ou experiências similares cria laços que podem ser tão fortes quanto os formados no mundo físico. Essas comunidades online são espaços onde a identidade individual se entrelaça com a coletividade, dando origem a subculturas digitais vibrantes e diversas.

Os desafios intrínsecos a esse ambiente virtual são inegáveis. A curadoria de identidades idealizadas pode criar um terreno propício para sentimentos de inadequação e

ansiedade, à medida que os usuários comparam suas vidas digitais com as de outros. A necessidade de validação online pode se tornar uma fonte de pressão, influenciando as escolhas e o comportamento dos indivíduos na busca incessante por aprovação.

As plataformas digitais têm um impacto profundo e complexo na construção de identidades e na formação de comunidades online. Enquanto oferecem oportunidades únicas para expressão individual e conexão global, é crucial abordar os desafios associados. A conscientização sobre a influência dessas plataformas na vida digital e o cultivo de uma cultura que promova a autenticidade, inclusão e diálogo construtivo são essenciais para garantir que o ambiente digital contribua positivamente para a formação de identidades e comunidades coesas e saudáveis respaldadas em garantias constitucionais.

A desinformação e bolhas sociais reflete um fenômeno online e seu papel na formação de “bolhas sociais”, em que esses elementos podem impactar a coesão social e a tomada de decisões e posicionamento social dos indivíduos. Assim, busca-se fornecer uma análise aprofundada sobre o impacto das plataformas de mídia digital no tecido social e cultural, contribuindo para a compreensão crítica dessas complexas dinâmicas na sociedade contemporânea. No cenário complexo das plataformas de mídia digital, a disseminação de desinformação e a formação de “bolhas sociais” emergem como fenômenos cruciais que desafiam a coesão social e a busca por uma tomada de decisão informada. Este fenômeno complexo requer uma análise aprofundada para entender suas ramificações na sociedade contemporânea.

A desinformação online, caracterizada pela propagação de informações falsas, enganosas ou imprecisas, tornou-se uma preocupação premente. A facilidade com que notícias falsas se espalham nessas plataformas, muitas vezes impulsionadas por algoritmos que favorecem a viralidade, apresenta riscos significativos para a formação de opiniões e crenças. Este fenômeno mina a confiança nas fontes de informação e desafia a capacidade dos indivíduos de tomar decisões informadas. Paralelamente, as “bolhas sociais” representam a formação de comunidades online limitadas por filtros algorítmicos que direcionam os usuários para conteúdos que validam suas crenças existentes e desvalorizam a própria existência do outro, enquanto religião, política e até mesmo racial.

temporalidades milenaristas e apocalípticas (eu acrescentaria, hoje, versões seculares como o próprio Antropoceno); religiões carismáticas (também com versões seculares, como o *coaching* e a cultura de celebridades); rumores, linchamentos morais e físicos, vigilantismo social; teorias da conspiração e pseudociências; agências ocultas e mágicas; economias imateriais, esquemas pirâmide e outras formas de ganhar dinheiro rápido no *casino capitalism*; e, poderíamos hoje acrescentar, as chamadas *fake news* e desinformação (CESARINO, 2021, p. 78).

Esse isolamento ideológico reforça visões de mundo preexistentes, impedindo a exposição a perspectivas divergentes. O resultado é uma sociedade fragmentada, onde a compreensão mútua é substituída pela polarização. O impacto conjunto da desinformação e das "bolhas sociais" sobre a coesão social é significativo. A falta de consenso sobre fatos objetivos e a polarização ideológica comprometem o diálogo construtivo e a capacidade da sociedade de enfrentar desafios comuns.

A confiança nas instituições é erodida, e o tecido social torna-se mais frágil diante da propagação de narrativas conflitantes em que em muitos casos não há o devido embasamento teórico (CROCHÍK, 1996). Essa dinâmica complexa exige uma abordagem abrangente e metodologicamente fundamentada. A análise aprofundada desses fenômenos requer uma compreensão crítica dos algoritmos de recomendação, das fontes de desinformação e das estratégias para mitigar os efeitos prejudiciais. Uma alfabetização ou criticidade digital robusta, que capacite os usuários a discernir informações confiáveis, é uma parte essencial da solução.

Somado a esse debate, é imperativo repensar os modelos de negócios que incentivam a disseminação de desinformação em busca de engajamento fácil. A responsabilidade das plataformas digitais na moderação do conteúdo e na promoção da diversidade de perspectivas é uma dimensão crucial na mitigação desses desafios. A desinformação online e a formação de "bolhas sociais" são fenômenos intrincados que impactam profundamente a coesão social e a tomada de decisões informadas.

Uma análise fundamentada, aliada a ações proativas que promovam a alfabetização digital e incentivem a diversidade de pensamento, é essencial para abordar esses desafios na sociedade contemporânea. O equilíbrio entre a liberdade de expressão e a responsabilidade digital é crucial para forjar um ambiente online que contribua positivamente para o tecido social e cultural.

Desse modo, posicionamentos fascistas são interpretados erroneamente como liberdade de expressão, uma vez que "Políticas de redistribuição e de regulação do mercado

(inclusive, o das mídias digitais) são rechaçadas por supostamente coibirem a livre iniciativa e a liberdade de expressão” (CESARINO, 2021, p. 78), porque a meritocracia faz com que o outro seja compreendido como um parasita social a ser expurgado do estado de direito.

As redes sociais digitais, em sua configuração particular, explicitaram a emergência de produção e de circulação de enunciados de protesto (contrapalavra), portanto, situações de enfrentamento, lutas políticas e ideológicas. Evidencia-se, assim, o potencial dessas redes sociais de se constituírem como espaços contemporâneos para publicizar a produção dos próprios sujeitos envolvidos no evento como alternativa a outras mídias como, por exemplo, jornais e revistas, pertencentes às grandes empresas de comunicação que, por vezes, corroboram os interesses de uma classe hegemônica representante do discurso oficial (QUADRADO; FERREIRA, 2020, p. 420).

A busca por soluções efetivas para combater a desinformação e as "bolhas sociais" exige uma abordagem multidisciplinar e colaborativa. Iniciativas educacionais desempenham um papel crucial, fortalecendo a literacia digital e capacitando os usuários a avaliar criticamente as informações online. Compreender os mecanismos por trás da disseminação da desinformação é fundamental para resistir a suas influências prejudiciais.

No campo tecnológico, é imperativo desenvolver algoritmos mais transparentes e éticos que evitem a formação de bolhas ideológicas. As plataformas digitais têm a responsabilidade de priorizar a diversidade de perspectivas, promovendo o encontro de usuários com conteúdos que desafiem suas visões preexistentes. Mecanismos de verificação de fatos e a promoção de fontes confiáveis também são elementos-chave na luta contra a desinformação.

Paralelamente, a sociedade civil desempenha um papel essencial na conscientização e na promoção de uma cultura de diálogo construtivo. Iniciativas que incentivam o pensamento crítico, o debate saudável e a compreensão intercultural são fundamentais para mitigar os efeitos corrosivos da desinformação e das “bolhas sociais”.

Ademais, é essencial envolver as próprias comunidades online na defesa de uma informação precisa e na criação de ambientes inclusivos. Estimular a colaboração entre usuários com diferentes perspectivas pode ser um antídoto eficaz contra a polarização de ideias, especialmente quando dicotomia entre determinados grupos visa estereotipar e desqualificar o outro ou sua identidade. O reconhecimento à diversidade de opiniões como um ativo valioso para a sociedade é um princípio que deve ser promovido ativamente em ambientes educativos formais e informais.

No âmbito regulatório, as políticas públicas também desempenham um papel crucial. A criação de legislações que incentivem a responsabilidade das plataformas, promovam a transparência algorítmica e combatam a desinformação é uma etapa vital na construção de um ambiente digital mais saudável e equilibrado. Enfrentar a desinformação e as "bolhas sociais" requer um esforço conjunto, envolvendo educação, tecnologia, sociedade civil e regulamentação.

A busca por uma coesão social robusta e uma tomada de decisões informadas exige uma abordagem holística e adaptativa para lidar com os desafios em constante evolução da era digital. Ao priorizarmos a compreensão crítica, a diversidade de perspectivas e a responsabilidade digital, pode-se construir um ambiente online que contribua positivamente para a formação de uma sociedade mais conectada e informada.

A formação de bolhas sociais nas plataformas digitais representa um fenômeno complexo que, quando associado ao extremismo de opiniões, acarreta consequências profundas e desafiadoras para a sociedade contemporânea. Esse ambiente virtual, onde indivíduos são expostos predominantemente a informações e perspectivas que corroboram suas crenças existentes, pode fomentar o extremismo em áreas sensíveis como religião, raça e política.

No âmbito religioso, as bolhas digitais podem agir como câmaras de eco, forjando e disseminando pseudodogmas e visões específicas, muitas vezes levando a interpretações mais radicais. A falta de exposição a diversidade de pensamento pode intensificar a polarização religiosa, alimentando o extremismo e a intolerância. Em um ambiente online onde as comunidades religiosas se auto confirmam, o diálogo inter-religioso muitas vezes é prejudicado, perpetuando estereótipos e desconfianças.

Na esfera racial, as bolhas digitais podem contribuir para a fragmentação social, exacerbando tensões e divisões. Quando indivíduos são expostos predominantemente a informações que confirmam seus preconceitos raciais, o entendimento mútuo é prejudicado. O extremismo racial pode florescer, alimentado pelo isolamento ideológico e pela falta de empatia que resulta da falta de interação significativa entre grupos étnicos diversos. No campo político, as bolhas sociais desempenham um papel crucial na polarização e radicalização de opiniões. A exposição seletiva a informações políticas pode levar à formação de visões extremas, aumentando a hostilidade entre diferentes grupos políticos. Isso gera um

ciclo de reforço, onde a polarização ideológica é amplificada, dificultando o diálogo construtivo e minando os fundamentos da democracia.

De acordo com o psicanalista Contardo Calligaris (apud PEREIRA, 2017), “nas redes sociais, é possível expressar o seu ódio, dar a ele uma dimensão pública, receber aplausos pelos seus amigos e seguidores e se sentir de alguma coisa validado”. Ou seja, as redes sociais produzem uma espécie de validação do seu ódio¹ que era muito mais difícil antes de elas existirem e se tornarem tão importantes na vida das pessoas. Em decorrência da incidência de ações e posições intolerantes na rede, também aumentam os crimes de ódio, muitos, na forma de discurso do ódio. Os casos de crimes cibernéticos de ódio possuem como características o ataque principalmente às minorias na forma de misoginia, xenofobia, racismo, homofobia, intolerância religiosa, etc. De fato, é nas redes sociais digitais a incidência maior de discursos odiosos, e desponta no Facebook, segundo o Dossiê da Intolerância do site Comunica Que Muda (DOSSIÊ..., [2016]). De acordo com o Dossiê da Intolerância, no ciberespaço são dez as principais formas mais evidenciadas: Aparência, Classe social, Deficiência, Homofobia, Misoginia, Política, Idade/geração, Racismo, Religião e Xenofobia (DOSSIÊ..., [2016]). As semelhanças com os modelos fascistas de Estado também são muitas, uma vez que o autoritarismo que os caracteriza promove a perseguição, o preconceito com aqueles que não se alinham ao tipo idealizado imposto e a construção de dogmas pautados no senso comum (TIBURI, 2016, p. 167) (QUADRADO; FERREIRA, 2020, p. 422).

Combater o extremismo de opiniões em bolhas digitais requer esforços concertados. Em primeiro lugar, é essencial promover a alfabetização digital, capacitando os usuários a reconhecer e resistir à influência prejudicial de determinados nichos ou redutos ideológicos. Além disso, as plataformas digitais têm a responsabilidade de implementar algoritmos mais transparentes que promovam a diversidade de perspectivas, reduzindo a tendência à polarização.

A sociedade civil desempenha um papel fundamental ao fomentar ambientes de diálogo e compreensão. Iniciativas que incentivem a interação entre grupos diversos e promovam a conscientização sobre os perigos do extremismo de opiniões são cruciais para construir uma sociedade mais coesa e inclusiva. As bolhas sociais nas plataformas digitais e o extremismo de opiniões representam desafios sérios para a coesão social.

Abordar essas questões exige uma abordagem multifacetada que englobe educação, responsabilidade das plataformas, conscientização social e promoção do diálogo construtivo. Somente através de esforços coordenados é possível mitigar os impactos negativos dessas dinâmicas digitais na religião, raça e política, construindo uma sociedade mais resiliente e equilibrada.

Além das medidas já mencionadas, é crucial promover uma cultura de diálogo aberto e respeitoso, incentivando a escuta ativa e a compreensão das perspectivas divergentes. Isso implica reconhecer a complexidade das questões relacionadas à religião, raça e política, evitando generalizações simplistas que perpetuam e, até mesmo criam, determinados estereótipos. No contexto religioso, esforços inter-religiosos e interculturais são fundamentais para construir pontes e superar barreiras que podem surgir nas bolhas digitais. Iniciativas que promovam o entendimento mútuo, como diálogos inter-religiosos e eventos que celebrem a diversidade de crenças, podem desempenhar um papel vital na redução de extremismo e na construção de sociedades mais inclusivas.

Para abordar as questões raciais, é necessário um compromisso firme com a justiça social e a igualdade. A educação antirracista, tanto nas plataformas digitais quanto nas instituições sociais, é crucial para desafiar preconceitos e promover uma compreensão mais equitativa das experiências e perspectivas raciais. No âmbito político, é vital buscar pontes comuns e promover o entendimento entre diferentes ideologias. Incentivar o pensamento crítico e a análise objetiva das informações é essencial para prevenir a radicalização política nas bolhas digitais. As instituições democráticas também têm um papel crucial na promoção de processos políticos transparentes e inclusivos. Assim:

A intransigência e o radicalismo nas redes sociais digitais devem ser rebatidos por quem acredita que estas devem servir à promoção da liberdade de opinião, ao pluralismo e ao debate democrático de ideias e não à reprodução de outras formas de alienação e ao desrespeito aos direitos humanos. A luta por direitos humanos deve se fazer presente em uma perspectiva de totalidade, como uma forma para empreender uma luta anticapitalista, antirracista e antipatriarcal (QUADRADO; FERREIRA, 2020, p. 426).

Para mitigar esses extremismos e preconceitos promovidos e disseminados pelas mídias digitais, o papel dos líderes de opinião e influenciadores digitais é significativo na mitigação do extremismo, embora em muitos casos promovam justamente o contrário. A responsabilidade ética na divulgação de informações, o estímulo ao respeito pelas diferenças e a promoção de debates construtivos são elementos-chave para influenciar positivamente a formação de opiniões em ambientes digitais.

A luta contra o extremismo de opiniões latente na formação de bolhas digitais exige uma abordagem abrangente que abarque a educação, a regulamentação, o diálogo intercultural e a promoção de valores com vistas a fortalecer o senso de comunidade e o respeito a

diversidade. Somente através de um esforço coletivo e coordenado por ações educativas e regulatórias governamentais é que se pode construir sociedades mais resilientes, onde a diversidade de opiniões seja valorizada e os extremos sejam mitigados em prol de um entendimento mais amplo e colaborativo.

Para combater esse cenário desafiador, é imperativo promover uma cultura eleitoral que valorize a diversidade de opiniões e promova o respeito mútuo. A conscientização sobre os riscos do extremismo nas plataformas digitais deve ser parte integrante da educação cívica, capacitando os eleitores a discernir informações confiáveis e a questionar narrativas extremistas. Para tanto, é crucial que os órgãos reguladores e as próprias plataformas digitais adotem medidas rigorosas para conter a disseminação de desinformação e a formação de bolhas ideológicas durante os períodos eleitorais. A transparência nos algoritmos, a verificação de fatos e a moderação responsável são elementos essenciais para preservar a integridade do processo democrático.

Destaca-se que na cultura brasileira existe uma dificuldade histórica em reconhecer esta cultura do ódio e da intolerância, já que, a justificativa proposta de que o discurso é inferior a prática, ou seja, há uma hierarquia da agressão, pois acredita-se que a palavra não significa a materialização da ação. Posto isto, a agressão verbal ou escrita seria apenas uma ação sem consequências por não ter havido agressão física, que de acordo com esta crença materializaria a ação de agressão (QUADRADO; FERREIRA, 2020, p. 424).

Nesse espectro de pacificação das massas no mundo digital, é fundamental que os líderes políticos, por sua vez, têm a responsabilidade de promover um discurso construtivo e respeitoso, evitando práticas que acentuem a polarização e alimentem o extremismo. Incentivar o diálogo interpartidário e apresentar propostas baseadas em fatos e evidências contribui para um ambiente mais saudável e informado. As bolhas digitais, ao intensificar a seletividade de informações e perspectivas, muitas vezes contribuem para a formação de extremismo político, religioso e ideológico.

As plataformas digitais, por sua vez, têm a responsabilidade de adotar medidas proativas para combater a desinformação, garantir a transparência nos algoritmos e promover a diversidade de perspectivas. A moderação eficaz dos conteúdos extremistas é essencial para criar ambientes online mais saudáveis e propícios ao diálogo democrático. Nesse prisma, Tiburi (2016, p. 59) compreende que:

A retórica como campo da linguagem definiu as estratégias da distorção por meio de uma classificação das falácias. Ela pode parecer bem racional, mas, em geral, apela, como qualquer falácia, a uma espécie de drible argumentativo. Pela inversão basta colocar uma coisa no lugar da outra. Trocar o lugar de quem fala, por exemplo. Vemos essa lógica presente tanto na culpabilização da vítima [o famoso “mimimi” disseminado pelo *haters*], quanto na vitimização do culpado. Toda a lógica da cibercultura da intolerância é reforçada pelo raciocínio maniqueísta, no qual, o bem e o mal estão em eterna disputa.

Em síntese, a relação entre bolhas digitais, extremismo de opiniões, que reflete claramente a polarização no Brasil entre o bolsonarismo e o petismo, o que representa um desafio multifacetado para a democracia brasileira. A busca por soluções eficazes requer um esforço coletivo de conscientização, regulamentação, educação e responsabilidade, visando preservar a integridade do processo democrático e promover um ambiente político mais equilibrado e inclusivo.

Considerações finais

No panorama complexo das plataformas digitais e sua influência nas dinâmicas sociais e políticas, a análise das bolhas digitais e do extremismo de opiniões revela-se imprescindível para compreender os desafios enfrentados pela democracia contemporânea, especialmente no contexto das eleições presidenciais no Brasil.

As bolhas digitais emergem como espaços virtuais que amplificam visões e perspectivas alinhadas, limitando a exposição a diversidade de opiniões. No contexto das eleições presidenciais, essa seletividade informativa pode resultar na formação de ideias extremistas, minando a qualidade do debate democrático em diferentes esferas sociais. O extremismo de opiniões, exacerbado pelas bolhas digitais, representa um risco substancial para a coesão social e a tomada de decisões informadas. A polarização política, associada ao bolsonarismo e petismo, pode contribuir para a fragmentação da sociedade, dificultando a construção de consensos e a promoção de uma cultura política ética.

Diante desses desafios, é imperativo destacar que soluções viáveis podem ser implementadas. A educação surge como uma ferramenta para capacitar os cidadãos a discernir informações, resistindo à influência prejudicial das bolhas digitais e ampliando a capacidade de diálogo e o respeito a pluralidade de ideias. As plataformas digitais, por sua vez, devem assumir uma postura responsável, adotando medidas para garantir a transparência algorítmica e moderar conteúdos extremistas. A construção de uma sociedade mais resiliente,

inclusiva e informada depende da colaboração entre instituições, plataformas digitais, líderes políticos e, fundamentalmente, dos cidadãos. Ao enfrentar esses desafios com determinação e uma visão orientada para o bem comum, assim, aspirar a um futuro em que a pluralidade de ideias e a diversidade cultural sejam respeitadas (BENEVIDES, 2007).

Referências

ANÇANELLO, Juliana Venancio; CASARIN, Helen de Castro Silva; FURNIVAL, Ariadne Chloe. Competência em Informação, *fake news* e desinformação: análise das pesquisas no contexto brasileiro. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, p. 1-24, 2023
<https://doi.org/10.1590/1808-5245.29.125782>.

BEHAR, Patricia Alejandra. Competências conceito, elementos e recursos de suporte, mobilização e evolução. *In*: BEHAR, Patricia Alejandra (org.). **Competências**

BENEVIDES, Maria Victoria. Direitos Humanos: desafios para o século XXI. *In*: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. et al. (Org.). **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teóricos-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 344.

CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. **Ilha**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, Nov. 2021. DOI:
<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e75630>.

CORRÊA, Elisa; CUSTÓDIO, Marcela. A informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós-verdade: uma releitura com base em Ortega y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 197-214, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/777/1043>. Acesso em: 04 jan. 2024.

COSTA; Bárbara; DUQUEVIZ, Sandra; PEDROZA, Regina. Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. V. 19, N. 3, p. 603-610, Set./Dez 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193912>.
em Educação a Distância. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 20-39.

FAGUNDES *et al.* Jovens e sua percepção sobre *fake news* na ciência. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 16, n. 1, p. 1-17. Dez. 2021. DOI:
<https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0027>.

FUCKS, Mário, MARQUS, Pedro Henrique. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 28, nº 3, p. 560-593, set.-dez., 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-01912022283560>.

CROCHÍK, José León. Preconceito, indivíduo e sociedade **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v..4 n. 3, p. 47-70, dez. 1996. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004.
Acesso em: 09 mar. 2024.

KENSKI, Ivani M. Cultura Digital. *In*: MILL, Daniel. **Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2018. p. 139-144.

KRAMSCH, Claire. Cultura no ensino de língua estrangeira* / Culture in Foreign Language Teaching. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 134-152, Set./Dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457333606>.

MACHADO, Hilka Vier. A Identidade e o Contexto Organizacional: Perspectivas de Análise Perspectivas de Análise Perspectivas de Análise, **Rev. adm. contemp.** São Paulo, V.1, n. 1. P. 51-73, ago. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-6555200300050000>

MOURA, Maria Aparecida. Ciência da Informação e humanidades digitais: mediações, agência e compartilhamento de saberes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.24, número especial, p.57-69, jan./mar.2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3893>.

PERÉZ GÓMEZ, Ángel I. **Educação na era digital**: a escola educativa. Tradução de Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

QUADRADO, Jaqueline; FERREIRA, Ewerton. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. ESPAÇO TEMÁTICO: POLÍTICA, CIÊNCIA E MUNDO DAS REDES. R. **Katál.**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 419-428, Set./Dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p419>.

SCHERER, Suely; BRITO, Glauca da Silva. Educação a distância: possibilidades e desafios para a aprendizagem cooperativa em ambientes virtuais de aprendizagem. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 4, p. 53-77, Dez. 2014. (Edição Especial). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-406020140008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 dez 2023.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Recebido em: 7 de janeiro de 2024
Aceito em: 12 de março de 2024
